

A experiência de BH

Éolo Maia

Brasília faz 35 anos. O marco da realização de uma "raça de mestiços" mostrando aos nossos irmãos mais abonados — os europeus — que também sabemos criar cidades utópicas, planejadas dentro de conceitos modernistas. Se lá não foram totalmente utilizados, aqui fomos mais ousados e aplicamos as novas propostas urbanistas com tempero da terra.

A exemplo de Brasília, irmãs um pouco mais idosas também foram geradas pelas mesmas idéias. Elas são Belo Horizonte, Goiânia e, posteriormente, Palmas.

Belo Horizonte foi inaugurada a 12 de dezembro de 1897 e planejada por Aarão Reis, que chefiava uma comissão de engenheiros e técnicos encarregados do desenho da nova Capital das Gerais.

As semelhanças culturais do planejamento de Belo Horizonte e Brasília são muitas. Ambas seguiram o que de mais "moderno" na época se referia ao planejamento de cidades.

Belo Horizonte, idealizada nos moldes culturais franceses da "Belle Époque" e Brasília nas ordens já questionadas da Carta de Atenas, filha do suíço-francês Le Corbusier.

A estratégia política da abordagem do planejamento de Belo Horizonte consistia em que os seus idealizadores, quase sempre artífices geniais, servissem a uma cultura de elite em voga. Mas ordem social reinante, das diferenças de classes sobre a ótica econômica, sempre prevaleceu.

Aos operários e à classe trabalhadora foram destinadas as áreas fora da Avenida do Contorno, a Lagoinha. Como as cidades-satélites no Plano Piloto de Brasília.

Nos traçados organizados só haviam lugares para os de maior poder aquisitivo. Mesmo que os autores destes planos sugerissem ao contrário.

Belo Horizonte foi implantada dentro de uma visão ideal e positivista e teve o seu crescimento à semelhança de qualquer cidade brasileira.

Ao se esgotar a ocupação do plano inicial, houve a expansão descontrolada por vales e montanhas e é apenas uma caricatura daquela imagem da

cidade-jardim do início do século.

As razões desta causa são simples e dramáticas.

No Brasil não se leva a sério o planejamento. As elites políticas e econômicas possuem uma visão imediatista em relação às cidades. O retorno tem que ser imediato. Deste modo, a maioria das pessoas sem grandes recursos, assume o território urbano com uma ocupação possível dentro de suas limitações e muitas vezes com liberdade e criatividade, próprias de uma cultura em formação.

Belo Horizonte, no decorrer de sua existência sofreu poucas intervenções no seu traçado urbano. Juscelino Kubistchek criou a Pampulha que revelou o gênio de Oscar Niemeyer para o mundo. Algumas outras intervenções na cidade foram tímidas e insuficientes para adaptá-las ao seu desenvolvimento.

Recentemente a cidade teve áreas importantes restauradas e resgatadas à população. A Praça da Liberdade e o Parque Municipal. São intervenções necessárias, mas ainda muito pequenas pela escala dos problemas.

Nesta breve análise de Belo Horizonte a constatação da sua atualidade é quase idêntica para Brasília e Goiânia.

A cidade não teve continuidade trabalhada para a sua evolução. A falta de vontade política aliada ao controle da cidade pela especulação tornou-a descaracterizada. Espera-se que a sociedade a coloque em sintonia com este espaço urbano.

Belo Horizonte é o reflexo da complexa sociedade de Minas. Goiânia e Brasília do poder e de seus habitantes.

Cidades aparentemente diferenciadas, idênticas nos ideais dos planejadores mas estupidadas pelos maus tratos dos dirigentes, que ainda não compreenderam que as cidades refletem a cultura de todos os segmentos de uma sociedade.

Quando o reflexo destas culturas contemplar a todos os seus usuários, passaremos a ter cidades democráticas.

Arquiteto, professor da Escola de Arquitetura da U.F.M.G.